

# Contemporaneidade em voga: a atemporalidade das questões em "Nenhum, nenhuma", de Guimarães Rosa

**Mariana de Almeida Paes Leme**

Graduada em Letras pela UFMG

**Palavras chave:**

Contemporâneo;  
Memória;  
Experiência;

**Key words:**

Contemporary;  
Memory;  
Experience;

**RESUMO:** Esse trabalho pretende dar uma nova abordagem ao termo contemporâneo na Literatura, conferindo-lhe um tratamento que vislumbra não sua concepção cronológico-histórica, mas uma mentalidade de desconstrução que emerge com uma série de mudanças e desilusões trazidas pelas fracassadas pretensões da modernidade. Dessa forma, as retinas do presente lerão um Guimarães Rosa contemporâneo e seu conto "Nenhum, Nenhuma" incorporará a condição de crônica intermitente, que evidencia a percepção do autor mineiro para continuidade dos grandes problemas que afligiram a história dos homens. Serão temas recorrentes na reflexão que aqui se trava a situação fragmentada do sujeito contemporâneo e o estiolamento de sua experiência identitária, o aparecimento da figura do outro, do exilado e, sobretudo, o papel da memória na lógica de ser no mundo contemporâneo e na estruturação das peculiaridades desse fazer literário, como, por exemplo, a narrativa arruinada benjaminiana.

**ABSTRACT:** This paper aims to provide a new approach to the term contemporary in literature, giving you a treatment that sees not its chronological-historical conception, but a deconstruction mentality that emerges with a series of changes brought about by the disillusion and failed pretensions of modernity. Thus, the retinas of the present will read a contemporary Rosa and his story "Nenhum, Nenhuma" incorporates a chronic intermittent condition, which shows the perception of the author to continue mining the major problems that have plagued human history. Those are recurring themes in the reflection that here hangs the fragmented situation of the contemporary subject and shading of his experience of identity, the emergence of the figure of another, from exile, and especially the role of memory in the logic of being in the contemporary world and the structuring of to the peculiarities of this literature, for example, Benjamin narrative ruined.

Um trabalho que pretende fazer considerações acerca da Literatura Brasileira Contemporânea deveria, a priori, ter como material-substrato uma literatura de origem brasileira e de temporalidade correspondente à época privilegiada. Atendendo à primeira prerrogativa, mas colocando em xeque a segunda, este trabalho se propõe a ler, sob uma ótica contemporânea, questões que emergem no conto rosiano "Nenhum, nenhuma", datado de 1962. Já que existe toda uma polêmica em torno deste termo, sobretudo nos estudos de literatura em que delimitar "épocas" pode reduzir muito o significado de uma obra, este artigo prefere empregar o termo *contemporâneo* em seu significado mais do que cronológico-histórico, aquele referente a uma mentalidade de desconstrução que emerge de uma série de mudanças e desilusões trazidas pelas fracassadas pretensões da modernidade.

Deveríamos, assim, fazer uma história da Literatura Brasileira que considerasse a porosidade da História, concebendo as narrativas e sua inevitável condição de "crônica intermitente". Embora classificar contemporâneo quanto a oposições com relação ao moderno possa levar o trabalho por terrenos pantanosos da teoria da literatura - que ainda não resolveu o impasse em torno dessa discussão - é justamente no sentido de quebrar paradigmas que caminha este trabalho, suscitando a possibilidade de novas discussões.

O presente estudo empreenderá, portanto, uma leitura de um Guimarães Rosa modernista que é, acima de tudo, atemporal, uma vez que óculos fatigados do momento presente, ao debruçarem-se sobre o passado, não perdem nem podem perder de vista as questões levantadas pelo que chamamos de Literatura Contemporânea, uma vez que a perenidade das obras clássicas evidencia a continuidade dos grandes problemas que afligiram o homem.

Um dos livros de que me vali para esta breve, mas empenhada, análise é o "Filosofia e Literatura", do qual retirei dois ensaios para estudo, dentre eles "Entre a memória e o esquecimento, ficção". Gentil, o autor do ensaio, nos apresenta uma reflexão acerca do tempo que considero bastante plausível para justificar a escolha de uma obra literária "não contemporânea" para um estudo acerca da contemporaneidade, levando-nos a pensar sobre a "capacidade criadora de refiguração do tempo"<sup>1</sup> histórico, atestando o caráter do tempo e das atividades do homem como muito mais característicos de marca e rastro (perduram) do que de atividade transitória. Isso nos incita a problematizar o termo *contemporâneo*, não nos restringindo tão somente a sua pertença a uma agenda e a um calendário específicos, mas a uma realidade e a uma "escrituralidade" que não datam de épocas recentes, uma vez que o transcorrer dos anos promove uma "ressignifica-

<sup>1</sup> Entre a memória e a ficção - página 165

ção", um amadurecimento de questões já outrora suscitadas. O tempo vivido de outrora adquire um novo sentido, as lembranças são re-lembradas, re-enviadas, e são feitas novas descobertas dentro do ser, o que justifica minha escolha por um Guimarães Rosa "contemporâneo".

Este estudo buscará analisar a figura do "outro" e a situação fragmentada do sujeito, que já não pode mais ser visto sob uma ótica positivista de um progresso ininterrupto que o levaria ao domínio de sua vida e de seu destino. O sujeito está agora inserido numa lógica de estiolamento de todo otimismo que rondava os modernos em seu "novo tempo", e será, então, a partir do desdobramento do narrador em um eu narrante ("O Menino", narrador de terceira pessoa) e em um eu narrado (narrador de primeira pessoa) que essa destituição de um sentimento de "nós" aparecerá na narrativa rosiana. Outra questão importantíssima para analisarmos nessa mesma lógica é o papel fundamental da memória não só para este deslocamento da perspectiva narrativa, mas para a própria lógica da construção ficcional contemporânea no resgate de sentido de um tempo que já passou - assim como "a narrativa arruinada" benjaminiana e sua significação literária e existencial; a figura do exilado, igualmente debatida em nossos dias; bem como a figura do "monumento", encarnada no conto pela "Velha" ("Nenha").

A crise do sujeito, caracterizada pelo estilhaçamento de sua identidade, pela perda de um centro ordenador de sua existência, é tema bastante recorrente nas literaturas e teorias da contemporaneidade. A nossa época é tomada por um grande e destruidor sentimento de solidão, de desidentificação, de outridade, uma vez que o homem contemporâneo se depara com uma enorme gama de caminhos e possibilidades a seguir. Esse caos, no sentido grego do termo, fá-lo perder-se de si mesmo, estranhar até o mais familiar e ver-se incapacitado de encontrar-se e referenciar-se em um "passado seguro e original", uma vez que a contemporaneidade destrói essa capacidade que a História e, conseqüentemente, o sentimento de pertença traziam ao sujeito moderno, embora de maneira ilusória. Com o passado, o sujeito sabia que era constituído de significações, de um passado significador, que, no entanto, era resultado de um positivismo acrítico motivado pelas descobertas da modernidade.

O conto rosiano aqui trabalhado abordará essa problemática de maneiras diversas, ora sutilmente - por meio das diversas sugestões da recuperação de um passado que lhe seria concernente, como nos momentos de efervescência da memória involuntária<sup>2</sup>, cujo papel é muito importante na tentativa de recuperação da substância de uma vida que se esvaziou de sentido e de identidade com o tempo, da *rememoração* adulta da viagem, marco da perda do essencial, feita na infância, do *desdeslembrar* a história pessoal, cuja passagem a vida adulta tudo reificou - ora de maneira mais evidenciada - como no final do conto, em que o narrador assume explicitamente as rédeas da narrativa como re-contador de sua própria história, embora esta tarefa também seja conflituosa, dada a dificuldade em ordenar uma identidade perdida, estilhaçada.

Em "Nenhum, nenhuma", Rosa nos apresenta uma narrativa carregada de melancolia e de saudade de um passado ideal que já não confere ao eu narrante (narrador de terceira pessoa) a unicidade e o lugar de pertença que se quer encontrar (eu narrado). No entanto, esses dois sentimentos confundem-se com uma raiva interior não só do estranhamento que o presente causa ao eu narrante (Juventude) perante sua desidentificação com o eu narrado (Infância) e seu estranhamento com relação ao presente vivido (e consigo: "[...] eu; eu?"), mas também da luta por não esquecer tudo aquilo que o faz sentir-se um pouco, ao menos um pouco, uno: "Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me; adivinhar o verdadeiro e real, já havido. Infância é coisa, coisa?" (ROSA, 94); "Porque eu desconheci meus Pais - eram-me tão estranhos; jamais poderia verdadeiramente conhecê-los, eu; eu?" (ROSA, 100).

A narrativa rosiana aqui privilegiada é muito interessante para problematizar uma questão bastante em voga nos estudos contemporâneos acerca da narrativa. Essa luta pelo reconhecimento de si mesmo e pela recuperação de um tempo feliz e ideal se faz, sobretudo, pela memória, mas a memória que se escreve, que produz o conhecimento (nomeação) de sensações que vêm nebulosas pela memória fragmentada e que ganham vida pela ordenação narrativa dos fatos rememorados, mostrando que, assim como consideram os estudos contemporâneos, o exercício da escrita configura o enfrentamento da ameaça do esquecimento, do silêncio, da morte: "Perdida a lembrança, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte - mas que, a certa hora, se acabou, parece que. Luta-se com a memória." (ROSA, 99).

A alteração, ou ainda, a transcendência do *modus narrandi* nesse, bem como em quase todos os contos destas "Primeiras histórias", confere descomunal riqueza à narrativa. O narrador de terceira pessoa, aparentemente mero observador dos acontecimentos, que se descobre sujeito e objeto de seu narrar, não só transmite ao leitor uma grande responsabilidade na trama (no sentido de desvendar os mistérios dessa estratégia cambiante), como nos mostra que a alternância do foco narrativo pode não necessariamente implicar uma postura onisciente e, para usar um termo contemporâneo, uma voz a partir da margem (distante dos fatos narrados), mas significar uma atitude de reivindicação do que está fora do lugar, bem como de presenciador inconsciente de sua própria narração, a qual se descobre em sua própria vida. O eu narrante, "o outro", e o eu narrado vão se descobrindo e se desvendam, são um só eu composto de "eus", ou seja, passado e presente se imbricam e se explicam, delineando uma personalidade fatalmente múltipla e que pretende se reconhecer, embora jamais consiga, devido à forma conservadora que reserva esse verbo na tentativa de fixar uma identidade que não possui contornos rígidos, como deixarão claros diversos estudiosos das identidades na pós-modernidade.

Os comentários em primeira pessoa que surgem em meio à narrativa de terceira pessoa são a grande evidência de que a narrativa de memória que vem sendo construída nada mais é que a ten-

<sup>2</sup> Termo proustiano denotativo da memória não evocada pelo sujeito, mas fruto de uma ressurreição casual e involuntária dessas autênticas lembranças, embora em Proust esta seja motivo de alegria e, em Rosa, de conflito.

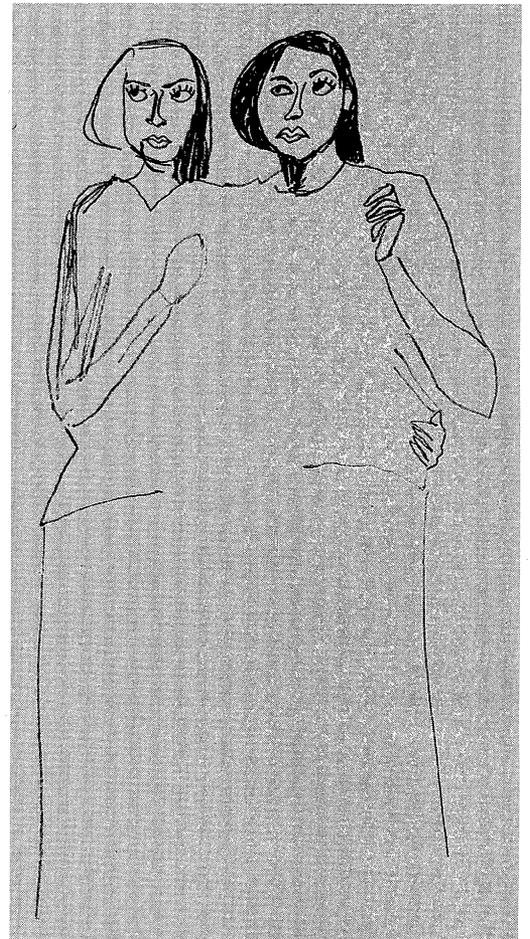
tativa desesperadora de reter uma experiência de vida que não se quer contínua na contemporaneidade, mas, muito pelo contrário, a interioridade e o vivido mostram-se fora do alcance do domínio do sujeito. A duplicação do foco narrativo não só confirma esse transcurso da existência a que assistimos com a rememoração do eu narrante, mas evidencia, no tempo do discurso, o distanciamento e, ao mesmo tempo, o desejo de proximidade e luta dentro do próprio sujeito com seu "núcleo original", do qual subsiste a saudade e o esquecimento de experiências da infância: "As lembranças são outras distâncias. Eram coisas que paravam já à beira de um grande sono. A gente cresce sempre, sem saber para onde." (ROSA, 98); "Luta-se com a memória" (ROSA, 99).

Considero bastante interessante conjugar essa crise do sujeito, questão que já emerge na modernidade e que vai ganhando contornos mais fortes com o acirramento da desidentificação do eu na sociedade de massas, ao lugar que ocupa a memória neste conto, uma vez que a identidade, ou melhor, as "identificações"<sup>3</sup> atuais do sujeito são possíveis, em grande parte, por meio da reconstrução desses fragmentos de existência, dos "eus" que compõem o ser da atualidade. Huyssen, em "Seduzidos pela memória", faz uma reflexão acerca da contemporaneidade e afirma que nosso tempo é um tempo sem memória, desmemoriado, e confirma esse fato pela constante e rápida substituição dos lugares de memória, bem como pela frequente reatualização das identidades.

As pessoas não mais se reconhecem em sua origem, tampouco nas grandes narrativas fundadoras a mesma, as quais são agora substituídas pelos fragmentos de relatos. Com isso, no entanto, vemos que a profunda angústia gerada no homem contemporâneo diante dessa aceleração do tempo que ameaça a tradição e os lugares de memória promove a explosão de discursos de memória na contemporaneidade. Paradoxalmente, ou justamente devido a isso, a Literatura Contemporânea, lato sensu, possui uma enormidade de obras que privilegiam a narrativa de memórias: a ânsia por registros corrobora o intenso processo de fragmentação da existência, da vã busca pela origem da existência, o desmemoriamento e o impulso contrário de resistir ao esquecimento.

O narrador de "Nenhum, Nenhuma" atualiza suas lembranças a partir de uma memória espontânea, autêntica, "que não depende da nossa vontade e de nossa inteligência, algo que surge e se impõe a nós e nos obriga, nos força a parar, a dar um tempo, a pensar – como faz o gosto da madeleine"<sup>4</sup>, o qual não se procura evocar, mas a partir do qual é evocada a substância da vida do eu narrante. Vale ressaltar que a comparação com a obra proustiana se torna pertinente na medida em que procuramos desconstruir a fixidez com que se toma o termo *contemporâneo*, buscando, dessa forma, concebê-lo em seu lato sensu.

As imagens suscitadas por esse *relembramento* aparecem ao narrador (eu narrante) como uma "névoa" que, aos poucos, se "desembaça" ou como "um pedaço de renda antiga, que se desfaz ao se desdobrar"<sup>5</sup>. Essas imagens mostram a nebulosidade das cenas que lhe vêm, espontaneamente, à tona e diante das quais ele age, num



ato desesperado por reconhecer-se, inteirar-se e integrar-se, num impulso unificador, regulador, ordenador de sua própria vida. Esse desembaçamento e esse desdobrar é que produzem a resignificação, momento em que há a conjugação dos seres, que, embora não se queira fixa, produz uma nova maneira de estar do mundo: "Tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas não estou sabendo decifra-lo". (ROSA, 96); "Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar – que sei? – das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo." (ROSA, 97); "Vê-se – fechando um pouco os olhos, como a memória pede: o reconhecimento, a lembrança do quadro, se esclarece, se desembaça". (ROSA, 99).

A rememoração feita pelo narrador de seus tempos de Menino é um esforço doloroso, que se desenrola concomitantemente à difícil progressão da narrativa, como sugere Ricouer, recuperado por Gentil no mesmo artigo que me levou a problematizar o termo *contemporâneo*, acerca da *identidade narrativa*: "A dúvida que isso marcou, no Menino, ajuda-o agora a muito se lembrar" (ROSA, 95).

À medida que as memórias começam a ser "desembaçadas" pelo narrador de primeira pessoa, seu encontro com o seu "eu Menino" fica mais próximo no sentido de entender-se como o outro dele e como seu passado, mas, paralelamente a esse encontro, coexiste o sentimento da distância que o tempo e a vida tornaram insuperável. A angústia que se cria a partir desse impasse nos leva a refletir sobre a ação do tempo

<sup>3</sup> Ler mais em HALL, Stuart. "Identidade cultural na pós-modernidade".

<sup>4</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. "O rumor das distâncias atravessadas" (página 179)

<sup>5</sup> ROSA, João Guimarães. "Nenhum, nenhuma", in *Primeiras histórias*. (página 95)

no homem contemporâneo e a entender toda a expectativa que se cria envolta deste para que o máximo de "ruínas", de lembranças, seja retido, já que sua existência fragmentada é inevitável, mas sua sobrevivência a ela só se faz com esse entendimento.

A noção de "identidade narrativa" desenvolvida por Ricouer<sup>6</sup> nada mais é do que esse construir, ou ainda, desconstruir identitário que se dá durante "Nenhum, nenhuma", uma vez que as fronteiras entre ficção e memória são potencialmente tênues e movediças, sobretudo na leitura contemporânea desses limites. Contar uma história é fazer permanecer viva sua experiência, é permanecer-se vivo diante da ação fugaz da história. Em "Nenhum, nenhuma", o ato de narrar é o caminho encontrado para reaver um conhecimento que se perdeu, embora essa narrativa seja arruinada, isto é, fracassada em sua própria intencionalidade, expressada na falibilidade da reconstrução da substância da vida do narrador.

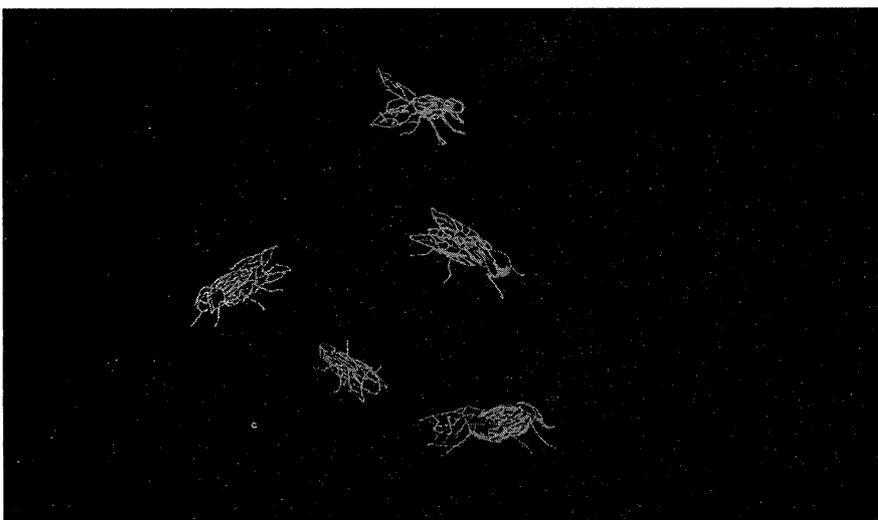
Essa impossibilidade do resgate "congelado" da infância provoca enorme angústia no eu narrante, nesse momento já fundido ao eu narrado (sujeito e objeto tornam-se um só, ao menos enquanto discurso narrativo), e, ao mesmo tempo, revela que esse atar machadiano dos "dois fios da vida" é também aprender a esquecer, para só depois conseguir recuperar-se a si mesmo, como mostram os trechos a seguir: "E eu precisei de fazer alguma coisa, de mim, chorei, gritei, a eles dois: - "Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia sabiam!..." (ROSA, 100); "E quem é que sabe? E para que saber por que temos de morrer?" (ROSA, 98); "A gente cresce sempre, sem saber para onde" (ROSA, 98); "Tanto é o poder de errar, nos enganos da vida..." (ROSA, 98).

Arruinada será, portanto, essa narrativa rosiana, no sentido de que as "ruínas" da memória traduzem a fragmentação da experiência. Apenas para retomar, vale ratificar que o discurso contemporâneo é feito sobre ruínas, uma vez que se trata de uma releitura do passado, ou melhor, de uma revivência de um passado, de sua resignificação, de sua lembrança apenas parcial, já que depende do que selecionará a memória. O ato mesmo desse narrar é recuperação, mas é também lacuna, pois depende do que os flashes da memória irão conceder como matéria ficcional: o discurso em ruínas é o que sobra ao narrador como resquício e é todavia a presença, no que restou, do que luta por permanecer.

Como é próprio da memória ser fragmentada, uma narrativa memorialística, ou ainda, de reconstrução de memória não terá ordenação temporal, tampouco conteudística, uma vez que se trata de representar uma realidade que não se quer inteira, mas arruinada. A recodificação do passado é feita a partir de ruínas, isto é, a partir de resquícios do que um dia foi, como percebemos no trabalho do narrador em coletar todos essas reminiscências do passado e fazer delas um inventário de sua própria vida, justificá-la, entender o sentimento de solidão e de estranheza que o dominam e o porquê da necessidade de lembrar.

O Guimarães Rosa contemporâneo que almejo privilegiar aqui nos trará também a figura do exilado, corroborando a dificuldade no emprego distintivo de moderno e contemporâneo lançado no começo deste artigo, uma vez que "uma história progressista, cronológica e europeizante acaba por desconsiderar o que houve de moderno em Goya ou em Manet"<sup>7</sup>. Dessa forma, uma análise que se prenda demais a essas distinções sem uma postura crítica corre o risco de não perceber que o prefixo *pós* pode sim, por vezes, significar uma retomada de valores modernos. O exilado, portanto, é encarnado por dois personagens, segundo minha análise, nesse conto: O próprio Menino, quem posteriormente (no sentido temporal) será narrador de sua própria história, e o Velho. Segundo o dicionário online Aurélio, o adjetivo em questão quer dizer "aquele que foi expulso de sua pátria; o que foi proscrito, banido, degredado, desterrado". Se tomarmos essa designação mais amplamente, veremos que esses qualificativos, sobretudo "desterrado", serão aplicáveis no texto no sentido de indicar o sentimento de desidentificação com o presente, mas também com o passado nostálgico, que já não se pode alcançar, bem como o sentimento de outridade, do exilado em sua própria terra e o sentimento da transitoriedade da vida, da efemeridade das situações.

A cisão do foco narrativo neste conto favorece a análise da figura do exilado no Menino, já que a oscilação entre a objetividade da terceira pessoa e a subjetividade da primeira pessoa indica essa aproximação e, fatal, afastamento com o narrado. Uma vez que, como já explicitado, o desenvolvimento da narrativa promove o desvelar do sentido da vida, a duplicação do foco narrativo, além de toda a melancolia que perpassa a narrativa, é a grande evidência do exilado que habita o Menino-narrador, que não consegue aproximar-se de si mesmo, que se vê desenraizado, afastado



<sup>6</sup>GENTIL, Hélio Salles. "Entre a memória e o esquecimento, a ficção." Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

<sup>7</sup>COMPAGNON, Antoine. "Os cinco paradoxos da modernidade". Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

de suas origens: "Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutro de repente ele já torna a ser demais grande, outra vez" (ROSA, 100); "Porque eu desconheci meus Pais – eram-me tão estranhos; jamais poderia verdadeiramente conhecê-lo, eu; eu?" (ROSA, 100).

Em uma mesma perspectiva, é possível analisar a figura do Velho, uma vez que ele também encarna esse homem contemporâneo que teme a chegada da morte e da solidão, que se vê encurralado entre o perdido e aquilo que se vislumbra, aquele que mora num lugar ambíguo entre o desejo e a repulsa, aquele que busca em qualquer pequena coisa o seu milagre, sua salvação diante de um mundo que não lhe abraça, não o faz sentir pertencente a ele. Toda a atmosfera criada pelo conto com o aparecimento da Velha em seu leito de morte traz uma enchente de melancolia e de isolamento, sobretudo no Velho, que vê sua amada já com a tesoura que cortará o fio da vida em suas mãos: "O Homem velho só queria ver as flores, ficar entre elas, cuidá-las. O Homem velho brincava com as flores." (ROSA, 97).

A última questão contemporânea presente no conto rosiano que pretendo analisar é a figura do monumento, encarnada pela Velha, "Nenha". O dicionário online Aurélio diz se tratar de uma "obra que está destinada a transmitir ou a perpetuar para a posteridade a lembrança de um grande vulto ou de um acontecimento". O Menino possui uma visão bastante interessante com relação à Velha, uma vez que, na Infância, a vê como morte e, na Juventude, já narrador de sua história, a vê muito diferente: "Antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio, dentro de si, intrínseca, só o coração, o espírito da vida, que esperava" (ROSA, 96).

O cuidado que A Moça lhe dedicava; o temor em perdê-la; o estado de plena vigília. Todas as ações que envolvem a Velha neste conto apontam para o espírito contemporâneo da preservação ante a devastação, a banalização da vida, da morte, do sentimento e do tempo. A Velha, por ser a grande sobrevivente de um tempo em que a experiência era valorizada, é a esperança depositada por todos os personagens: "Aquele mulher ainda existir, parecia um desatino de que ela mesma nem tivesse culpa." (ROSA, 96); "A vida era um vento querendo apagar uma lamparina. O caminhar das sombras de uma pessoa imóvel." (ROSA, 96).

Em "Memória e Sociedade", Bosi fará algumas colocações acerca da figura do Velho na sociedade em que vivemos. Assim como Huyssen diz que passamos por um intenso processo de substituição dos lugares de memória, a autora dirá que os velhos são os responsáveis por lembrar em uma sociedade capitalista que destrói os suportes materiais da memória. Nesse sentido é que busco aplicar a esse personagem o conceito de monumento, já que, como traz a designação do dicionário, o monumento é o responsável por sedimentar essa ressonância do vivido e transmiti-la à posteridade. As sociedades antigas, a que pertenceram os Velhos, apoiavam-se na es-

tabilidade, na continuidade, no apego aos objetos biográficos, na tradição e, por isso, opõem-se à realidade atual que preza pela mobilidade, pelo recusa da continuidade, pelos objetos de consumo, pela história oficial celebrativa. O narrador, em suas lembranças de Menino, diz palavras muito emblemáticas nesse sentido, bem como há as atitudes da Moça, mostrando como, contraditoriamente às ações do homem contemporâneo, há a tentativa de valorização dessa porção social que tanto contribui na luta contra o esquecimento: "[...] Nenha, velhíssima, antepassada, conservada tudo ali, por seu povo de parentes. [...] a Nenha, velhinha, que durava, visual, além de todas as raias do viver comum e da velhez, mas na perpetuidade" (ROSA, 98); "E a Moça se ajoelhou, curvada para o berço da Nenha, velhinha, e chorava, abraçando-a – e ela se abraçava com o incomputável, o imutável." (ROSA, 99);

*"Davam-lhe à boca comidinha mole. Tornavam-lhe às vezes, uns sorrisinhos, um tanger de tosse, chegava a falar — e escassamente podia ser entendida — no semi-sussurro mais discreto que o bater da borboletinha branca. A moça adivinhava-a? Pedia água. A Moça trazia água, vinha com nas duas mãos o copo cheio às beiras, sorrindo igual, sem deixar cair fora uma única gota — a gente pensava que ela devia ter nascido assim, com aquele copo de água pela borda, e conservá-lo até a hora de des-nascer: dele nada se derramasse."* (ROSA, 97).

Bosi também nos apresenta um quadro de embate em seu livro em que o passado é visto diferentemente pelo adulto e pelo velho: o primeiro concebe a memória como fuga, arte, lazer, contemplação, enquanto o último ocupa-se dela consciente e atentamente, configurando uma importante figura monumental para a contemporaneidade. O velho deixa de ser membro ativo da sociedade e, neste momento, resta-lhe a função social de lembrar, de ser a memória da família, do grupo, da sociedade: é o guardião das tradições.

Como pretendi esclarecer nas reflexões feitas neste estudo, embora os limites entre o moderno e o contemporâneo sejam bastante discutidos pela literatura, o mais importante é que saibamos problematizar e nos libertar das amarras da "servidão temporal". Guimarães Rosa consegue, em seu conto, transmitir-nos e esclarecer nossas próprias angústias enquanto seres de nosso tempo: a vulnerabilidade diante da instabilidade, do ontem, da inexistência de formas delineadas e de um ser uno e indivisível. Se "tudo já está lá e pronto", como disse Rilke, seria vã até mesmo a busca por conservar o sentimento de luta contra a fatalidade das coisas? "Nenhum, nenhuma" revela a imensa capacidade do tempo em fragmentar a experiência e a sua ação desconstrutora perante a existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GENTIL, Hélio Salles "Entre a memória e o esquecimento, a ficção" e GAGNEBIN, Jeanne Marie "O rumor das distâncias atravessadas", in SOUZA, Ricardo Timm de. DUARTE, Rodrigo (organizadores). *Filosofia e Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed., 2004.
- PACHECO, Ana Paula. "Encenações da existência", In *Lugar do mito: Narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankin, 2006.
- ROSA, João Guimarães. "Nenhum, nenhuma", In *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.